

**Palavras-chave:** Ritual, Patrimônio, Memória.

**Resumo:** A procissão a São Pedro acontece no município de Boa Vista, estado de Roraima desde o ano de 1957. Durante esses anos esse ritual católico sofreu diversas mudanças, mas a que mais alterou sua estrutura foi a do ano de 2004, com a construção da Orla Taumanan. A construção dessa obra gerou a destruição do Porto de Cimento e da sede da colônia de pescadores, afetando significativamente o trajeto da procissão fluvial. Desse modo, essa pesquisa tem como objetivo analisar os impactos que a construção da Orla Taumanan teve na performance da procissão fluvial em homenagem a São Pedro. Assim, essa comunicação igualmente discute sobre esse ritual na experiência urbana e como suas formas de expressão simbólica foram afetadas ao longo desses anos. Esse estudo faz parte da pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, em parceria com a Universidade Federal de Roraima (DINTER UFPE/UFRR). A proposta metodológica, portanto, deste trabalho, de natureza etnográfica, envolve a utilização de observação, análise de documentos e entrevistas com pessoas que participaram da procissão ao longo desses anos, em especial pescadores e fiéis mais assíduos da procissão.

## INTRODUÇÃO

No dia 29 de junho os fiéis católicos celebram o dia de São Pedro, padroeiro dos pescadores e navegantes. Dada a importância desse Santo ao município de Boa Vista/Roraima, este organismo dedicou um feriado a este Santo. Desse modo, o texto a seguir busca apresentar as mudanças e permanências na realização da procissão a São Pedro no município de Boa Vista.

Antes de apresentar a composição da discussão no qual esse texto será permeado é preciso destacar que a procissão a São Pedro é considerada aqui como um ritual por envolver um evento social.

Em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais. Esta afirmação pode ser inesperada para muitos, porque tendemos a negar tanto a existência quanto a importância dos rituais na nossa vida cotidiana. Em geral, consideramos que rituais seriam eventos de sociedades históricas, da vida na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

<sup>2</sup> Doutoranda em Antropologia; Universidade Federal de Pernambuco; Recife/PE – Brasil; [cristiane\\_bade@yahoo.com.br](mailto:cristiane_bade@yahoo.com.br).

corde europeia por exemplo, ou, em outro extremo, de sociedades indígenas. Entre nós, a inclinação inicial é diminuir sua relevância. Muitas vezes comentamos: “Ah, foi apenas um ritual”, querendo enfatizar exatamente que o evento em questão não teve maior significado e conteúdo (PEIRANO, 2003, p. 6).

Assim, para o desenvolvimento desse texto foi usado dados da minha pesquisa de campo que venho realizando no doutorado em antropologia, que envolvem entrevistas, diário de campo e fontes jornalísticas.

Deste modo, o texto a seguir foi organizado em quatro seções. Na primeira parte é contextualizado, de forma sistemática, a história do Santo e de sua procissão na tradição católica. Posteriormente, é apontado a rede de relações que envolvem o ritual e que fizeram que essa procissão tivesse novos trajetos. Em seguida, é enfatizado a demolição do prédio da Colônia dos Pescadores Z1 de Roraima, que até então era localizado na região da Orla do Rio Branco, e suas respectivas ocupações. A análise sobre a destruição desse prédio é extremamente importante, pois nos permite compreender os percursos os quais a procissão passou. Ou seja, nessa discussão será exposto os impactos causados pelos deslocamentos dessa associação. Por fim, apresento um episódio de resistência que os fieis encontraram para manter a procissão fluvial no ano de 2018.

Assim, as análises a seguir revelam como foram as mudanças dos trajetos da procissão ao longo dos anos e como as pessoas lidaram com elas.

## **O RITUAL A SÃO PEDRO**

As procissões são manifestações culturais. O termo procissão, segundo Perez (2010), tem origem do latim, *processione*, que por sua vez significa ir adiante, avançar, caminhar, marchar, etc. Assim, ele a compreende enquanto uma organização de pessoas que caminham um percurso carregando objetos recitando canções ou orações. Na igreja católica essa romaria, por exemplo, ficou caracterizada pela devoção de um Santo, ao passo que essa manifestação religiosa se caracteriza pelo cortejo e transporte do ícone pelas ruas da cidade, e, em alguns casos esse processo também segue na água, como na procissão que será apresentado nesse texto.

Essa romaria católica perpassa uma rede de envolvimentos que transcorrem o ritual. Ou seja, há todo um envolvimento nesse, que comporta outros momentos para além do dia festejado pelos fieis. Assim, essa procissão é compreendida enquanto um “processo

ritual” (TURNER, 1974). Para analisar o ritual, Turner (1974) fundamentou-se nos conceitos “preliminares”, “liminares” e “pós-liminares”, de Arnold Van Gennep.

No Brasil, o ato de levar um Santo da igreja para as ruas remonta ao governo do primeiro governador-geral do Brasil (1549- 1553), Tomé de Sousa, segundo Mari Del Priore (1994). Os jesuítas vieram ao Brasil a partir de seu governo e conseqüentemente nesse período foi formado o primeiro bispado no nosso país.

Assim, antes de expormos o processo ritual católico destinado ao apóstolo São Pedro e a rede de relações que perpassa essa romaria, será exposto resumidamente a história desse padroeiro.

Segundo interpretação católica, São Pedro foi um dos apóstolos de Cristo, nasceu em Betsaida, no norte de Israel. O nome de nascimento do padroeiro era Simão. Conheceu Jesus com seu irmão, André. Este último foi quem o apresentou a Jesus. Os dois foram discípulos de Jesus e posteriormente apóstolos.

São Pedro era pescador, e quando Jesus o conheceu disse a ele que seria pescador de homens. Daí em diante começou a seguir Jesus, sendo nomeado como Pedro, passando a ser um missionário que pregava a palavra por todos os lugares onde passava, reunindo multidões em suas pregações. E assim, sua autoridade de líder da Igreja sempre foi considerada.

O apóstolo foi preso diversas vezes por pregar o Evangelho. Em Roma foi condenado à morte como Jesus, na Cruz. Na ocasião solicitou que fosse crucificado de cabeça para baixo, por não se julgar digno de uma morte como seu líder, e seu pedido foi acatado. Dada a importância de São Pedro a igreja católica, é celebrado no dia 29 de junho uma festa litúrgica ao Santo.

A celebração ao padroeiro hoje é muito comum em diversos municípios brasileiros, em especial, nas regiões que possuem uma comunidade significativa de pescadores. Assim, após a apresentação sistemática da história do apóstolo, passo a apresentar o ritual e os aspectos que envolvem essa romaria na cidade de Boa Vista.

A procissão a São Pedro acontece no município de Boa Vista, Roraima, desde o ano de 1957. A romaria se tornou tão significativa para a população que a ela foi destinada um feriado municipal. A festa, atualmente, nesse último ano iniciou com a Alvorada na Igreja São Francisco e café da manhã, a programação segue a tarde com a procissão pelas ruas da cidade seguindo até a orla do Rio Branco para romaria fluvial, ponto alto da procissão, a noite se encerra com o arraial.

Para compreender a importância desse ritual para a população precisamos entender a rede de relações que a envolve, perpassando a família, o econômico, a irmandade, paróquia e o divino. Essa rede de categorias corrobora para o desenvolvimento desse ritual, que constitui o social. Assim, a Festa a São Pedro é entendida aqui, pautada sob a luz do conceito teórico de Marcel Mauss, enquanto “fato social total”:

Existe aí [nas sociedades arcaicas] um enorme conjunto de fatos. E fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até às da proto-história. Nesses fenômenos sociais "totais", como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (MAUSS, 2003, p. 187).

Nos dias que antecedem o dia do Santo (29), normalmente, tem-se uma gama de atividades realizada. Entre elas destaco as novenas nas residências dos fieis, bingos, arraiais e outras movimentações (em todas essas atividades a imagem do padroeiro é levada).

Na rede de relações que comporta o “processo ritual”, percebe-se que a família é um dos elos importantíssimos para a realização desse ritual, pois sua participação efetiva e colaborativa já inicia na realização de novenas em suas residências, com a participação da imagem do Santo.

A irmandade, também é envolvida nesse processo ritual, pois trata de um processo fraterno e colaborativo entre diferentes pessoas de uma única religiosidade, cujo foco é organizar e realizar o evento que constitui a celebração ao Santo, que normalmente antecede por volta de uns 14 dias ao dia da procissão.

Já a Paróquia, a sua função é a de organizadora dessa celebração. Ou seja, ela prevê e organiza, juntamente com os coordenadores da comunidade e associação de pescadores, a programação do evento. Concomitantemente, o pároco da comunidade São Pedro também realiza as celebrações litúrgicas.

Sobre a imagem do divino, esta fica exposto na Igreja de São Pedro, cuja bairro também recebe o nome do padroeiro. No dia da procissão a imagem é retirada do local e levada pelos fieis durante todo o percurso. O próprio ato de levar o Santo em romaria nas ruas é considerado pelos cristãos um meio de propagar a paz e levar as bênçãos do senhor.

O econômico envolve a organização de bingo, arraiais e outras promoções que buscam movimentar recursos para a igreja e para a manutenção das celebrações que envolvem o cortejo ao Santo.

Os fatos até aqui apresentados, ajudam-nos a ter uma visão, mesmo que simplificada, da procissão e sua rede de relações. Desse modo, passamos a análise mais sistemática das mudanças e permanências do ritual.

## **O PROCESSO RITUAL A SÃO PEDRO ONTEM E HOJE.**

A celebração no dia 29 de junho a São Pedro, como qualquer outro “ritual não é algo fossilizado, imutável, definitivo” (PEIRANO, 2003, p. 9), ele vem sendo modificado ao longo dos anos, seja a organização da festa ou os percursos que segue a procissão. Desse modo, a seguir será apresentado narrativas que abordam as transformações que esse evento sofreu ao longo dos anos, bem como a redução do número de pessoas na organização e realização do evento.

Desde a sua primeira edição em 1957 (FIGURA 1), a procissão ao Padroeiro no município de Boa Vista foi sendo modificada por novos percursos e programações, como observado em diferentes fontes, a jornalista, entrevista e em conversa com diferentes grupos que participaram da procissão. A figura a seguir é uma fotografia da primeira procissão, que foi emoldurada e está na igreja de São Pedro.



**Figura 1:** Procissão a São Pedro.  
**Foto:** Cristiane Bade /2018.

Assim, desde 1957 até o ano de 2004, poucas foram as mudanças no percurso da romaria. Em 1998, por exemplo, o evento tinha previsão para começar na Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, mas devido ao expressivo número de participantes do evento, o percurso inicial da romaria foi alterado para a Colônia de Pescadores. Assim, em 1998 a procissão saiu da Colônia de Pescadores, lugar onde foi efetivada a primeira benção com a presença da imagem do Santo, depois a procissão seguiu para o porto de cimento. No porto do cimento uma embarcação maior levou o Santo e outras menores acompanharam. O percurso da procissão após sua saída do Porto do cimento foi para o porto próximo a igreja do Santo. Após a chegada ao Porto a procissão seguiu de forma terrestre até a Igreja de São Pedro, neste último teve a missa campal. A imagem a seguir materializa a saída do cortejo em frente ao prédio da Colônia de Pescadores:



**Figura 2:** Imagem de São Pedro em frente ao prédio colônia de pescadores.

**Fonte:** FOLHA DE BOA VISTA. Fieis prestam homenagem a São Pedro Folha de Boa Vista. Ano XV. Edição 2434. Boa Vista, 30 jun. 1998. p. 5.

Foi a partir do ano de 2004 que observamos um maior impacto na realização da procissão. Neste ano a Orla Taumanan estava prestes a ser inaugurada e as plataformas já haviam sido construídas, assim a procissão via fluvial tomou um novo rumo, passou a sair do Porto do Bessa: “Mesmo com chuva, a romaria iniciou às 16h30 na igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, seguindo pelas ruas Floriano Peixoto e Bento Brasil com

destino ao Porto do Bessa, de onde seguiu de balsa pelo rio Branco até o Porto do Material” (TAVARES, FOLHA DE BOA VISTA, Edição 4235, 30 de jun. de 2004, p. 06).

Desse modo, o percurso da procissão fluvial foi alterado, pois essa parte do festejo em homenagem ao padroeiro sempre tinha início no antigo porto de cimento. Esse porto foi encoberto pela construção da Orla Taumanan. Este local, no período de ocupação da cidade, funcionava como porto, no qual desembarcaram os primeiros colonizadores de Boa Vista, conhecido pelos moradores como “Porto do cimento”. Este nome foi dado devido a Clóvis Nova da Costa, então deputado federal pelo território do Rio Branco, mandar colocar cimento e calçamento no porto em fins da década de 1950.

Assim, os barcos que participavam da procissão foram impedidos de atracar nesse lugar devido à altura da estrutura da Orla, como vemos na fala de uma das participantes da romaria, Joana Souza<sup>3</sup>.

Sim, da Orla. Com aquela construção ali, que eu não sei que tipo de engenheiro fez, porque tem umas leis que não pode tampar os portos, mas aqui em Boa Vista não tem essa lei.

Tamparam o porto, mas o que acontece, agora não pode chegar nenhum barco. Aí já foi começando a atrapalhar a vida da procissão. Aí ficou ali no Porto do Bessa. O Porto do Bessa é um portinho estreito, ele não tem, ficou horrível, mas foi se fazer lá, mas agora ultimamente, nós temos dois anos, quase três anos já que nós estamos sem procissão (SOUZA, 21/01/2018)

Outra moradora de Boa Vista, Haydée Brasil de Magalhães, bisneta de Inácio Lopes de Magalhães, fundador da fazenda Boa Vista, uma das fazendas mais antigas da cidade, também destacou a sua insatisfação com a construção da Orla Taumanan e a destruição do Porto de Cimento:

A orla para nós aqui, é uma agressão. Ela nos agrediu, porque tirou a vista da paisagem do rio Branco. A ex-prefeita Teresa Jucá mexeu com a história e a cultura de Boa Vista.

A orla acabou com o porto da cidade, antigamente “porto do cimento”. Hoje, quando os turistas chegam aqui para fazer um passeio turístico tem que pegar a embarcação “lá embaixo”, circulando num caminho de roça e mato. Não tem porto. Não conheço cidade sem porto. O porto era ali onde construíram a orla. As embarcações para receber os santos, a imagem de São Pedro, São Paulo, durante a procissão. Não tem mais, a Teresa acabou com essa tradição da procissão (MAGALHÃES apud LIMA, 2011, p. 79)

---

<sup>3</sup> SOUZA, JOANA. Entrevista concedida a Cristiane Bade no dia 21 de janeiro de 2018, na residência da entrevistada. O nome da entrevistada foi alterado para preservar a identidade desta.

Pelo exposto percebemos que os moradores têm críticas as mudanças e intervenções urbanas que mexem com a memória. Além disso, eles sinalizam elementos simbólicos que indicam pertencimento ao citar a importância do porto que para a realização de seus rituais religiosos.

Nas narrativas também ficaram evidente que os fieis acreditam que a duração do festejo ao Santo também foi afetada ao longo dos anos. Desde o seu início a festa destinado ao São Pedro era composta por diversas atividades que duravam por vários dias. Hoje, porém, esta celebração é realizada em apenas um dia, segundo os participantes. A redução do tempo desse ritual, segundo Souza (2018) está atrelada a dois motivos, a pouca participação dos membros da igreja e da ampliação no município de outros festejos de arraial. “Em todo lugar o pessoal ajuda e faz uma procissão bonita, aqui é difícil. Antigamente era nove noites de arraial” (SOUZA, 21/01/2018)

Também foi manifestado nas narrativas que o ritual a cada ano está com um número reduzido de participantes. O enfraquecimento da participação dos fieis na celebração também foi atribuída ao crescimento das igrejas evangélicas no município, segundo Souza (2018).

Outra mudança na procissão ao longo dos anos foi a inserção do pagamento por parte dos fieis de embarcações seguras para a procissão fluvial, como vemos na citação a seguir:

Os coordenadores foram atrás e tudo, mas os bombeiros bateram o pé que não pode, só pode se tiver isso. Nós pagamos ultimamente, de primeiro ninguém pagava. Nós pagamos agora até para abrir aquela barca, a porta para entrar e para fechar, porque a gente não tem uma barca (SOUZA, 21/01/2018).

Assim, após relatar as novas configurações que tomaram a procissão ao longo dos anos, a seguir destaco um dos fatos mais significativos, que alterou a estrutura do ritual, ou seja, a destruição do Porto de Cimento e da sede da colônia de pescadores.

## **A DEMOLIÇÃO DA COLÔNIA DE PESCADORES NA REGIÃO DA ORLA**

Os pescadores têm como protetor São Pedro, devido este ícone religioso ter sido pescador. Assim, a realização da procissão a São Pedro nesse município, desde sua primeira edição, recebeu a colaboração destes trabalhadores. Para exemplificar a

relevância desse ritual aos pescadores destaco a fala do pescador Aureliano Filho<sup>4</sup>, que foi publicada na Folha de Boa Vista: “Esta homenagem nunca vai acabar. Ela faz parte do estatuto da Colônia desde 1968” (Edição 2434, 30 jun. 1998, p. 05). Ele ainda ressaltou que São Pedro é símbolo máximo de sua classe.

No ano de 2004 a gestão municipal de Boa Vista articulou um projeto para construir a Orla Taumanan. Nessa primeira fase do projeto foram construídas um pír suspenso por duas plataformas, uma na parte mais alta do local e outra na área mais baixa, ligadas a uma rampa de acesso, “que abrigava 11 quiosques com lanchonetes, restaurantes e dois palcos para shows ao ar livre” (TAVARES, FOLHA DE BOA VISTA, Edição 4240, 06 de jul. 2004, p. 06). As plataformas, segundo o jornal folha de Boa Vista, foram chamadas de Meremê (arco-íris) e Weiquepá (nascer do sol).

Tal projeto visava diferentes objetivos, um deles foi a potencialização do turismo como mostra a reportagem a seguir: “A Orla Taumanan vai ampliar a convivência da população com o Rio Branco, além de representar novo e importante investimento para viabilizar o turismo como atividade econômica” (FOLHA DE BOA VISTA, Edição 4236, 01 de jul. 2004).

Para a construção dessa fase do projeto teriam que ser demolidos três prédios da Colônia dos Pescadores Z1 de Roraima. A demolição desse prédio teve sua repercussão noticiada no jornal “Folha de Boa Vista”. A área visada pela prefeitura era composta por:

A área desapropriada mede 2.300 m<sup>2</sup> e está localizada no lote de n. 050 da quadra n. 73 da zona 01, Centro, fica de frente com a avenida Floriano Peixoto e mede 50 metros, fundos com o rio Branco, e 46 metros, do lado direito com os lotes 55 e 86, e lado esquerdo com terras do patrimônio municipal (LOPES, FOLHA DE BOA VISTA, Edição 4177, 23 de abr. 2004, p. 05)

As primeiras notícias repercutidas na “Folha de Boa Vista” sobre o processo de negociação dos prédios da colônia de pescadores são da Edição 4125, de 17 de fevereiro de 2004. A manchete dessa edição ressaltava na época que, para a conclusão das obras, para a construção da Orla Taumanan, a prefeitura teria que demolir três prédios (Centro de artesanato, Restaurante Macuchick e a Sede da Colônia de Pescadores). Ressaltava ainda que os pescadores não estavam aceitando o valor da indenização (R\$340 mil).

Nesse processo de negociação entre prefeitura e pescadores, outros sujeitos fizeram críticas a construção da orla, sem ouvir os sujeitos que usam aquele espaço, seja

---

<sup>4</sup> Na época a folha de Boa Vista publicou que este fiel participa da festa há 30 anos.

no campo cultural ou econômico. Um dos casos foi o vereador George Melo do Partido dos Trabalhadores (PT), ao afirmar em uma entrevista publicada na folha de Boa Vista (2004) que irá fazer requerimento junto a câmara de vereadores para analisar o projeto para a construção da Orla do Rio Branco. Na época esse havia mencionado que: “Temos que ouvir os pescadores da Colônia, as pessoas ligadas ao artesanato, os donos de bares que se sentem prejudicados, enfim, ouvir a comunidade. Afinal estão tentando acabar com um patrimônio histórico de Boa Vista em nome da modernidade” (ROCHA, FOLHA DE BOA VISTA, Edição 4126, 18 de fev. 2004, p. 04). Pelo exposto, percebemos que o vereador culpa a prefeita Teresa Jucá de tentar apagar a memória patrimonial de Boa Vista, sem uma ampla discussão com os sujeitos envolvidos.

Uma das moradoras mais antigas, ainda viva, Cecy Brasil em entrevista a Folha de Boa Vista (Edição 4125, 17 fev. 2004, p. 05) mencionou, no início do diálogo da negociação entre prefeitura e colônia de pescadores, que o prédio da colônia dos pescadores não era tombado, mas era considerado um dos marcos históricos de Roraima e já havia sido ocupado pela colônia há mais de vinte anos. Informou ainda na reportagem que antes dos pescadores ocuparem o local, a polícia marítima ocupava o prédio.

Ou seja, nota-se pelo exposto que os moradores repudiavam a demolição desse prédio, e consideravam o local como um patrimônio histórico, mesmo que o local não era reconhecido pelas instituições de patrimônio, porém era significativa social e culturalmente para alguns grupos.

No mês de março de 2004 novamente a Folha de Boa Vista (Edição 4141, 10 de mar. 2004. p. 07) noticiou sobre a negociação entre pescadores e prefeitura. Nesse momento, a reportagem apresenta que a Colônia de pescadores de Roraima irá nesse momento apresentar uma contraproposta para a prefeitura em relação a desapropriação do seu prédio. Segundo o exposto na edição do jornal, para a negociação com a prefeitura a colônia de pescadores elaborou uma comissão, cujo o presidente dessa comissão seria Mário Torreias. Segundo este, já foi contratado um engenheiro civil para avaliação da área dos imóveis da colônia. Nessa mesma matéria o presidente da comissão destacou que a prefeitura fez duas propostas. A primeira seria o pagamento do valor de R\$328 mil a título de ressarcimento. A segunda seria a construção, por parte da prefeitura, de uma nova sede, local indicado pela associação e o dinheiro que sobrasse seria repassado para a associação. O presidente ainda assinalou que a segunda proposta é mais interessante e que até já visitou um terreno a 500 metros da beira do Rio Branco, atrás da Companhia Energética de Roraima (CER).

No dia 23 de abril de 2004, a Folha de Boa Vista (Edição 4177, p. 05) anunciou o término da negociação de imóveis na região da Orla, entre prefeitura e colônia de pescadores. Além disso, a matéria ressaltou que os pescadores já receberam a primeira parcela da indenização dos imóveis e um terreno para construir uma nova sede da associação. A princípio a comissão de pescadores havia avaliado o local em R\$480 mil, mas aceitou a proposta da prefeitura de R\$364.397,00. A reportagem, mencionou ainda, que a prefeita entregou, na noite anterior, o título definitivo onde funcionará a nova sede da colônia de pescadores. Na negociação da área da colônia de pescadores a prefeitura disponibilizou na época um terreno que ficava no bairro Calunga e tinha aproximadamente 2.900 metros quadrados. Também foi mencionado na matéria que o prazo para a construção da nova sede da colônia seria de 120 dias.

No dia 20 de maio de 2004 a prefeitura demoliu os prédios que eram da colônia de pescadores para dar sequência na etapa de construção da Orla Taumanan.

Anos depois, a sede da colônia mudou-se do bairro Calunga para a avenida Mario Homem de Melo, bairro Buritis. O local é muito distante do rio e isso não foi considerado positivo para algumas pessoas. “A colônia era mais para a região do beiral. Aí a colônia se mudou para outra área. Nunca ouvi falar de colônia de pescadores longe de água. Se mudou, mas os pescadores ficaram” (SOUZA, 21/01/2018).

Pelo observado a prefeitura ao construir o píer na orla do Rio Branco não levou em conta a procissão que era realizada naquele local. Ou seja, na época não foi pensado no desenvolvimento que incluía a cultura das pessoas. Ao tentar urbanizar o centro histórico, construindo novos empreendimentos e demolindo automaticamente monumentos que eram importantes para aquela região, seja simbolicamente ou economicamente.

A construção da orla Taumanan teve efeitos econômicos e simbólicos, econômicos na medida que interferiu na fonte de renda de trabalhadores na região da Orla e simbólicos por afetar o ritual que se processavam ali.

## **UM LEVANTE DE RESISTÊNCIA?**

A programação referente a celebração do dia do Santo neste ano envolvia os seguintes percursos: na parte da manhã estava previsto a Alvorada na Igreja São Pedro e um café da manhã compartilhado com a comunidade. No período vespertino, começaria a procissão em frente à Igreja Matriz, que seguiria pela Rua Floriano Peixoto,

prossequindo pela Cecília Brasil e Avenida Getúlio Vargas até na margem do Rio Branco. Neste último lugar seria realizado uma procissão simbólica com permanência de 10 minutos. Da região do Rio Branco retornariam para a Matriz. Na última parte do ritual seria realizado a missa e o arraial da igreja.

A procissão via fluvial, em tese, iria acontecer de forma simbólica devido a uma determinação, no ano de 2017, da Marinha do Brasil que proibia essa parte da procissão, pois as embarcações não seguiam as leis de segurança marítima, como podemos ver na publicação dos veículos de comunicação:

Em nota, a assessoria da Marinha do Brasil, por meio do 9º Distrito Naval, disse que orientou a coordenação da procissão fluvial quanto ao cumprimento das normas marítimas, entre elas a certificação de transporte de pessoas, o uso de coletes salva-vidas para todos os passageiros e da necessidade de haver um condutor habilitado para conduzir a balsa (FREITAS, G1 REDE AMAZÔNICA RORAIMA, 23/06/2017).

No entanto, ela aconteceu clandestinamente no ano de 2018. Segundo o dono da embarcação e pescadores com quais conversei na pesquisa de campo, a imagem Santo ficou por volta de uma hora na procissão fluvial. Desse modo, nota-se que esse ritual aconteceu nesse último ano como forma de resistência por parte dos fieis em manter essa parte do evento, que simbolicamente é essencial para a realização da procissão, uma vez que o São Pedro é padroeiro dos pescadores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Falar sobre as dinâmicas do ritual no espaço público requer um esforço de compreensão que implica em desvendar as sociabilidades e rede que perpassam nesses locais. As paisagens são modificadas, seja pela ação do tempo ou pela intervenção do homem através de construções ou alterações no que já foi construído, e com isso também se estabelecem novas fronteiras e lugares. Com essas alterações o ocupar, transitar e estar nesses espaços se modifica. E foi isso que podemos ver aqui com o desenvolvimento desse texto, na medida em que a alteração do espaço físico da Orla do Rio Branco afetou e alterou toda uma dinâmica cultural que existia nesse espaço.

Através das narrativas compartilhadas, seja por meio de entrevistas ou relatos, constatei os momentos que permanecem na lembrança dos fieis, que se concentram muito

nas modificações pelas quais a procissão vem passando, em especial, pela incerteza da realização da procissão e de seu enfraquecimento junto à comunidade de Boa Vista.

Já por meio das fontes jornalísticas consegui acompanhar algumas informações sobre a negociação dos prédios da colônia de pescadores. Além disso, esta fonte nos auxiliou a conhecer um pouco mais da procissão a São Pedro, suas alterações e permanências ao longo dos anos.

Por fim, esta discussão auxiliou no entendimento referente as várias dinâmicas que envolvem este ritual católico na experiência urbana e como suas formas foram afetadas ao longo dos anos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Cecy. **Escritora reclama da destruição dos prédios**. Folha de Boa Vista. Ano XXI. Edição 4125. Boa Vista, 17 fev. 2004. Página 05.

FOLHA DE BOA VISTA. **Fieis prestam homenagem a São Pedro**. Folha de Boa Vista. Ano XV. Edição 2434. Boa Vista, 30 jun. 1998. Página 05.

\_\_\_\_\_. Projeto Orla: Colônia de Pescadores apresenta contraproposta para desapropriação. Folha de Boa Vista, Ano XXI – Edição 4141. Boa Vista, 10 de mar. 2004. Página 07.

FREITAS, Elivane. **Procissão fluvial de São Pedro é cancelada em Boa Vista devido cobrança de normas de segurança da Marinha**. 23/06/2017. G1 Rede Amazônica Roraima. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/procissao-fluvial-de-sao-pedro-e-cancelada-em-boa-vista-devido-cobranca-de-normas-de-seguranca-da-marinha.ghtml>. Acesso em 30/06/2018.

LIMA, Maria Goretti Leite de. **As transformações da paisagem do sítio histórico urbano de Boa Vista: Um olhar a partir da fotografia**. São Paulo, 2011. Tese defendida na USP.

LOPES, Rebeca. **Pescadores já receberam indenização**. Folha de Boa Vista, Ano XXI – Edição 4177. Boa Vista, 23 de abril de 2004. Página 05.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Editora Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2003.

PEREZ, Léa Freitas. Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas. In: **CIES e-Working Papers**, nº 101. Portugal, 2010.

PRIORE, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROCHA, Ribamar. **Vereador quer investigar projeto da Orla**. Folha de Boa Vista. Ano XXI – Edição 4126. Boa Vista, 18 de fev. 2004. Página 04.

SOUZA, Joana. **Entrevista concedida a Cristiane Bade no dia 21 de janeiro de 2018**, na residência da depoente.

TAVARES, Jânio. **Fiéis vão à procissão e pagam promessa**. Folha de Boa Vista, Ano XXI – Edição 4235. Boa Vista, 30 de jun. de 2004. Página 06.

\_\_\_\_\_. **Mil pessoas passam ao dia pela orla**. Folha de Boa Vista, Ano XXI – Edição 4240. Boa Vista, 06 de julho de 2004. Página 06.

TURNER, V. Liminaridade e communitas. In: **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974b